

BARBOZA, Gabriela. A propósito da noção de espaço na teoria da enunciação de Émile Benveniste. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

A PROPÓSITO DA NOÇÃO DE ESPAÇO NA TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE

On the notion of space in Émile Benveniste's enunciation theory

Gabriela Barboza¹

barboza.gabrielab@gmail.com

RESUMO: Este trabalho se dedica a empreender um estudo sobre a noção de *espaço* nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II*, de Émile Benveniste. Devido à constatação de uma lacuna no que diz respeito aos estudos de *espaço* no âmbito enunciativo brasileiro, e pelo fato de Benveniste ser considerado o responsável pelos estudos de pessoa-tempo-espaço, urge abordar a noção que, conforme Fiorin (2008), fora pouco estudada pelo semanticista sírio-francês. Dito de outro modo, há uma falta observada no que tange ao tratamento do *espaço*, cujo espaço pretende-se preencher, em alguma medida, com esta investigação. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é o de encontrar o espaço do *espaço* na teoria enunciativa de Émile Benveniste e o de esboçar qual é o estatuto da presença dessa categoria na obra do mestre, além de ensejar possíveis desdobramentos oriundos do estudo da noção. Por fim, espera-se, com esta investigação, fruto de minha dissertação de mestrado, apresentar contribuições para o campo da Linguística da Enunciação, de modo geral, e da teoria da enunciação de Émile Benveniste, de modo específico, na medida em que se traz à baila uma temática por ora pouco abordada pelos estudiosos, mas de grande pertinência para a sedimentação desse campo disciplinar no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: espaço; Enunciação; Émile Benveniste.

ABSTRACT: This academic article aims to conduct a study on the notion of space in the works *Problems in General Linguistics I and II*, by Émile Benveniste. Due to the absence of research concerning the notion of space in Brazilian enunciative studies and the fact that Benveniste is considered responsible for the studies of person-time-space, it is urgent to address the notion that, according to Fiorin (2008), had been barely studied by the Syrian-french semanticist. In other words, there is a lack with regard to the treatment of the space, whose space this research intends to fill, to some extent, with this investigation. In this sense, the general objective of this study is to find the space of space in the enunciative theory of Émile Benveniste and to outline the status of the presence of this category in the master's work, besides giving rise to possible developments arising from the study of the notion. Finally, it is expected with this research, which arises from my master's thesis, to present contributions to the field of Enunciation Linguistics, in general, and the enunciation theory of Émile Benveniste, specifically, considering it addresses a theme not too much investigated by scholars, but of great relevance for the sedimentation of this disciplinary field in Brazil.

KEYWORDS: space; Enunciation; Émile Benveniste.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); professora do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA).

INTRODUÇÃO

“A pergunta pode surpreender, como tudo o que parece questionar a evidência, mas às vezes é útil pedir à evidência que se justifique” (Benveniste, 1995: 284).

Embora seja um discurso corrente ler/ouvir que Benveniste desenvolve as noções de pessoa-tempo-espaço em seus *Problemas de Linguística Geral*², atrelando-as como as “principais reveladoras da subjetividade”, tal afirmação não é tão óbvia quanto parece. Já está esclarecido que, em determinado momento de sua teoria, mas não em toda, Benveniste considera que a subjetividade se marca basicamente nessas noções³. No entanto, como a epígrafe desta introdução permite antever, não é suficiente que se afirme tal fato; para além das aparências, julgamos que seja necessário saber como (e se) tais grupos se relacionam entre si nos textos e como cada uma se relaciona com a teoria enunciativa benvenistiana.

Diante do questionamento da obviedade das relações entre pessoa-tempo-espaço, realizamos, sumariamente, uma busca nos dois volumes de PLG⁴, termos e noções que se referissem e se relacionassem, direta ou indiretamente, primeiramente, ao estudo do espaço da/na enunciação, e, para nossa surpresa, foram encontradas pouquíssimas ocorrências. Em contrapartida, sequer seria necessário fazer uma busca muito minuciosa para encontrar, em diversos textos de Benveniste, a explicitação de sua preocupação com as categorias de pessoa e tempo. Em muitos deles, como, por exemplo, *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *A linguagem e a experiência humana* (1965), entre outros, é possível observar que o autor teoriza a respeito das duas categorias. E o espaço do *espaço*? Este não parecia ser tão longamente desenvolvido quanto as outras categorias.

A constatação da ausência de estudos sobre o espaço na obra de Benveniste passou a se tornar alvo de nossa atenção. Em razão disso, empreendemos uma exaustiva busca em periódicos nacionais que abordassem, de algum modo, o espaço em Benveniste. Tarefa infrutífera, pois, ainda que os trabalhos inicialmente se

² Doravante, PLG com o respectivo número do tomo (I ou II).

³ Agradecemos profundamente aos colegas da disciplina *Teorias da Enunciação*, do PPGLTRAS-UFRGS, e aos professores Dr^a. Carmem Luci da Costa Silva e Dr. Valdir do Nascimento Flore, pelas orientações discussões propiciadas em aula. Sem elas, este trabalho não teria sido possível.

⁴ Embora Benveniste tenha publicado mais de 18 livros, a decisão pelos dois volumes de PLG especificamente se dá devido ao fato de que se trata de uma obra consagrada no campo dos estudos da Enunciação no Brasil.

proponham a estudar as noções de pessoa-tempo-espaço, ao lê-los, é facilmente verificável que os estudos são bastante sistematizados e detalhados sobre pessoa e tempo, mas quase inexistentes sobre espaço⁵. Ora, se cada noção não trata do mesmo aspecto, se cada uma tem alcances diversos, se são de ordens diferentes, na teoria benvenistiana, é inaceitável que as usemos sem distinção e que sigamos afirmando que temos estudos sobre “pessoa-tempo-espaço” em/sobre Benveniste sem que de fato isso ocorra. No entanto, se não há estudos sobre o espaço, nem em Benveniste nem sobre Benveniste, como então diferenciá-lo das outras noções? Como saber quais são seus fundamentos?

Com base na constatação de que cada elemento da tríade pessoa-tempo-espaço não é abordado do mesmo modo, tampouco com a mesma relevância na obra⁶ de Benveniste e nas obras de seus exegetas, buscamos construir nossa pesquisa: como já se sabe, perseguimos neste trabalho o estatuto da noção de espaço na obra de Benveniste e o que se pode dela derivar para prospectar novos estudos. Diante da investigação empreendida em Barboza (2011), é possível verificar a quase total inexistência de estudos nesse sentido – tanto estudos *de*, quanto *sobre/com* Benveniste -, em oposição a alguns estudos que se dedicam à pessoa e ao tempo.

Fiorin observa que

das três categorias da enunciação, a menos estudada tem sido o espaço. Benveniste [...] diz que a enunciação é a instância do *ego-hic-nunc*, e estuda detidamente as categorias de pessoa e tempo em *Problèmes de Linguistique Générale I et II*, mas dedica sempre poucas linhas à questão do espaço. (Fiorin, 2008: 258)

Diante disso, a resposta pareceria simples: não há trabalhos sobre o espaço na teoria benvenistiana porque o autor não desenvolveu grandes estudos sobre ela; nossas dúvidas se esgotariam aqui e este estudo perderia sua razão de ser. Mas, ao nos depararmos com tal situação, outros questionamentos surgiram e nos inspiraram a continuar: Por que o espaço não é teorizado por Benveniste? Ainda, se, de acordo com as observações de Fiorin, Benveniste “dedica sempre poucas linhas à questão do espaço”, de que modo ele aparece na obra do linguista sírio? É possível derivar uma noção de espaço com base em sua relação com outras noções na obra de Benveniste? Essas são algumas das noções que contribuiriam na sistematização deste estudo.

⁵ A utilização do “quase” se dá em função da publicação de CORRÊA (2012), em que o autor desenvolve uma reflexão sobre o espaço e a espacialidade no ensino da escrita.

⁶ Chamamos de obra, neste caso, o conjunto de textos selecionados para esta pesquisa, quais sejam, textos selecionados em PLG I e II.

Não almejamos, sob nenhuma hipótese, incorrer no erro de buscar as “intenções” do autor, tampouco afirmar que é relegado ao espaço um papel secundário ou inferior. Parece-nos urgente deixar de buscar somente os motivos pelos quais o autor não se detém na noção (perquirição vã), para passar a tentar compreender qual o fundamento do espaço a fim de, mesmo que com poucas pistas, apontar para alguma possibilidade de compreensão. Em outras palavras, tentamos definir sobre que base está calcado o espaço no interior da teoria benvenistiana e, ainda, que relações é possível estabelecer entre ele e outras noções e conceitos na obra do mestre para, talvez assim, vislumbrar respostas.

Avaliamos ser de fundamental importância desenvolver um estudo acerca da noção de espaço na obra de Benveniste em função de esta ser a única sobre a qual quase não há pesquisas e, mesmo assim, permanecemos afirmando que Benveniste desenvolve estudos sobre pessoa-tempo-espaço indistintamente, como se se tratassem/remetessem às mesmas questões. Ora, se cada noção não trata do mesmo aspecto, é inaceitável que as usemos sem distinção de tratamento. No entanto, se não há estudos sobre o espaço, como diferenciá-la das outras noções? Como saber qual a sua natureza e sobre quais fundamentos se constitui?

Ao trazer à baila a tematização do espaço, avaliamos desenvolver não um estudo que toma por base a Teoria da Enunciação para aplicá-la ou fazer deslocamentos, mas antes desenvolver um estudo que faz o caminho de volta, de retorno às origens dos postulados benvenistianos. Muitas vezes, é necessário que se empreenda um retorno para poder seguir caminhando. Julgamos que esse seja o caso desta investigação: é imperativo retornar às bases para solidificá-las e, a partir delas, prosseguir em estudos posteriores. Ou seja, propomos neste artigo um breve estudo retrospectivo a respeito do espaço com o objetivo de que possamos qualificar nossos estudos prospectivos no campo da Enunciação.

Definidos o objeto e o escopo deste artigo, resta-nos começar a trilhar os caminhos que serão percorridos para vislumbrar o estatuto do espaço no interior da obra de Benveniste.

1. COMO LER O ESPAÇO EM BENVENISTE? UMA PROPOSTA DE MÉTODO DE ENTRADA NA OBRA

O cerne desta seção está na explicitação do estabelecimento de um caminho para a busca de conceitos, termos e noções que estejam relacionados à noção de espaço nos dois tomos de *Problemas de Linguística Geral*, para, na seção seguinte, determo-nos, de fato, na noção. Dito de outro modo, explicitamos, aqui, o percurso metodológico de escolha dos textos analisados para esta investigação.

Como se sabe, para pesquisar todo e qualquer conceito benvenistiano – seja em, seja com, seja a partir de Benveniste –, é necessário, por um compromisso ético, afirmar de que obras e de que ponto de vista do linguista nos valeremos para efetuar nosso percurso. Tal atitude diante da obra do mestre se deve ao fato de que Benveniste produziu muito, tanto para sua época quanto para os dias atuais. Conforme biobibliografia estabelecida por Moïnfar, Benveniste teve mais de 18 livros e aproximadamente 600 textos publicados entre artigos e resenhas ao longo de sua vida acadêmica, sobre os mais variados aspectos da linguagem⁷; tudo o que dizia respeito ao homem e à linguagem lhe interessava. Se afirmamos, muitas vezes, que discutimos determinado termo *em Benveniste*, é por pura comodidade teórica, já que *em Benveniste* significa dar conta da totalidade de sua produção e isso é da ordem do impossível. Por isso, faz-se necessário enunciar de onde partimos para empreender esta investigação.

Consagrados no Brasil, os dois tomos de PLG são o *corpus* teórico inicial de que nos valem para iniciar a discussão. A escolha dessas obras se deve ao fato de que é a partir delas que se passa a atribuir a Benveniste a construção de uma teoria da enunciação (Dosse, 2007), área de estudos em que inserimos esta pesquisa. Como as noções de pessoa-tempo-espaço são consideradas elementos centrais na teoria da enunciação, não haveria outro lugar de onde partir senão os PLG.

Para tentar responder às indagações a respeito do papel do espaço na teoria de Benveniste, foi necessário, obviamente, ler todos os textos presentes em PLG. A partir de uma primeira investigação, encontramos inúmeros artigos benvenistianos que poderiam ser alvo deste estudo. Ora, por dizerem respeito à linguagem, todos os escritos de Benveniste, incontestavelmente, seriam relevantes neste caso. No entanto,

⁷ Cf.: MOÏNFAR, M. D. Bibliographie des travaux d'Émile Benveniste. In: *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*.

por inserirmo-nos na perspectiva enunciativa, há textos que deixam de ser essenciais para que possamos deslindar os caminhos traçados por Benveniste no que diz respeito ao espaço.

Diante disso, foram estabelecidos dois critérios iniciais de seleção dos textos constantes em PLG, que serão aclarados em seguida. Como primeiro critério, consideramos que a palavra-chave para iniciar nossa revisão é “espaço” e palavras associadas, como “espacial”, “aqui”, “distância”, “local”, “lugar” etc.; designamos essas palavras como palavras significativas para este estudo. Entretanto, em vez de começar a leitura de PLG do modo como foi organizada e/ou autorizada pelo próprio Benveniste, optamos por adotar o ponto de vista de Flores e Teixeira, que alerta os estudiosos de Benveniste de que “não se pode ler na sincronia o que foi escrito em uma diacronia. Não cabe ler os textos de Benveniste como se fossem contemporâneos um do outro. Respeitar a cronologia dos textos é fundamental” (Flores, Teixeira 2012: 155). Desse modo, a leitura para selecionar os textos a serem pesquisados foi feita em ordem cronológica, do artigo mais antigo para o mais recente⁸.

Após a primeira leitura dos textos, foram selecionados, com base no critério que considera a ocorrência das palavras significativas elencadas anteriormente, de um total de 48, 12⁹ textos em que elas, de algum modo, figuravam. Em cada um dos 12 escritos, e de diferentes maneiras, comparecem a palavra “espaço” e/ou as palavras “espacial” e “aqui”. Suas temáticas giram em torno dos mais diferentes fatos de linguagem, muitos dos quais, talvez, não sejam pertinentes para esta pesquisa. Por isso, consideramos válido estabelecer um novo critério de seleção dos artigos já escolhidos pelo crivo anterior, um refinamento da primeira busca. Por considerarmos valorosas as leituras de Claudine Normand a respeito da obra de Benveniste, inclinamo-nos fortemente a adotar seus critérios de “entrada”¹⁰ na leitura dos textos do mestre.

⁸ Para consultar a ordem cronológica dos artigos de Benveniste em PLG I e II, ver Barboza (2013).

⁹ São eles: *O sistema sublógico das preposições em latim* (1949); *A noção de “ritmo” na sua expressão linguística* (1951); *Comunicação animal e linguagem humana* (1952); *A natureza dos pronomes* (1956); *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana* (1956); *Categorias de pensamento e categorias de língua* (1958); *Da subjetividade na linguagem* (1958); *Para a análise das funções casuais: o genitivo latino* (1962); *A linguagem e a experiência humana* (1965); *A forma e o sentido na linguagem* (1967); *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968); *O aparelho formal da enunciação* (1970).

¹⁰ Referimo-nos aos diversos caminhos possíveis – mas não os únicos – pelos quais se pode percorrer a obra de determinado autor. Entrada, portanto, diz respeito à entrada nos textos, ao “como começar”, ao *unde exoriar*.

Normand (2009), ao contar-nos sobre seu percurso de descoberta e de diferentes modos de leitura que fez da obra de Benveniste, conforme o tempo e o interesse, apresenta distintas maneiras de divisão da obra de semanticista¹¹. A primeira divisão – e também a que nos interessa - diz respeito às diferentes leituras feitas de seus textos: “leitura comparatista”¹², “leitura estruturalista” e “leitura da ‘teoria da enunciação’”. A primeira leitura diz respeito a obras de 1935, 1948 e 1969 em que se privilegiam os estudos indoeuropeus; trata-se, melhor dito, de uma leitura de filólogos e linguistas das línguas clássicas. Por sua vez, a leitura estruturalista é a leitura feita pelos então novos linguistas da década de 70. “Trata-se de textos gerais, ligados à difusão do estruturalismo na França, de alguma forma artigos de vulgarização ou pelo menos que visam uma formação inicial” (Normand, 2009: 13). Por fim, associada às seções *A comunicação* e *O homem na língua* dos dois volumes de PLG, está a leitura da teoria da enunciação. Só se passa a fazer essa leitura a partir de 1970, quando da publicação do artigo *O aparelho formal da enunciação*, e torna-se a leitura dominante, praticamente exclusiva, a respeito de Benveniste.

Fundamentados no modo de leitura proposto por Normand, podemos dividir os textos primeiramente selecionados em dois grandes grupos que, certamente, não dão conta da riqueza que cada um encerra, mas que, por uma decisão metodológica, apresentam certa *predominância* de determinada abordagem em detrimento de outra:

¹¹ Normand, quando se refere à obra de Benveniste, engloba, além dos dois tomos de PLG, os livros *Origine de la formation des noms em indo-européen* (1935), *Noms d’agent et noms d’action em indo-européen* (1948) e *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969).

¹² Em razão de não termos adotado como *corpus* teórico deste estudo os livros *Origine de la formation des noms em indo-européen* (1935), *Noms d’agent et noms d’action em indo-européen* (1948) e *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969), não nos valeremos na reflexão ora posta da leitura intitulada por Normand como “leitura comparatista”. Utilizaremos, para fins deste estudo, somente a segunda e a terceira divisões acima explicitadas, quais sejam, as leituras “estruturalista” e da “teoria da enunciação”.

Leitura da “teoria da enunciação” ¹³	Leitura estruturalista
<i>Comunicação animal e linguagem humana</i>	<i>O sistema sublógico das preposições em latim</i>
<i>Categorias de pensamento e categorias de língua</i>	<i>Para a análise das funções casuais em latim</i>
<i>A natureza dos pronomes</i>	<i>A noção de “ritmo” na sua expressão lingüística</i>
<i>Da subjetividade na linguagem</i>	
<i>A linguagem e a experiência humana</i>	
<i>Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana</i>	
<i>O aparelho formal da enunciação</i>	
<i>Estrutura da língua e estrutura da sociedade</i>	
<i>A forma e o sentido na linguagem</i>	

Tabela 1: Organização dos textos selecionados de acordo com os critérios de Normand (2009).

Com base na divisão proposta por Normand (2009), os textos selecionados para nossa pesquisa são os que se encontram na primeira coluna da Tabela 1, agrupados sobre o modo de leitura “teoria da enunciação”. Após essa restrição dos critérios de seleção dos textos benvenistianos (de 12 restaram apenas 09), chegamos, de fato, ao *corpus* teórico ao qual nos dedicaremos com mais vagar na próxima seção. O espaço especificamente destinado aos textos selecionados se justifica pela necessidade de leitura dos contextos de uso das palavras significativas encontradas a partir de *dois* elementos, os quais serão descritos na seção seguinte, para onde nos encaminharemos de imediato.

2. ADENTRANDO O ESPAÇO DE BENVENISTE...

Estabelecida a seleção de textos da obra de Émile Benveniste na seção anterior, é chegado o momento de explicitarmos os contextos de uso das palavras significativas para nosso estudo. Uma vez que o fato de encontrar palavras relacionadas à temática de nossa investigação não é suficiente para defender a existência de um estudo sobre o espaço em Benveniste, consideramos adequado apresentar os contextos de ocorrência das palavras e, a partir deles, apresentar nossa leitura a respeito do sentido que seu uso adquire em cada contexto.

O ponto inicial de organização de nossa leitura para esta seção toma, ao mesmo tempo, a obra de Benveniste como referência e objeto de estudo, pois além de foco de leitura para nossa investigação, a reflexão sobre a relação forma e sentido

¹³ Mesmo que alguns textos que integram o que se convencionou chamar de “teoria da enunciação” de Benveniste não figurem entre os artigos acima selecionados, alguns deles poderão surgir *a posteriori* como referência teórica para nossas reflexões.

apresentada por Benveniste ao longo de sua obra é extremamente prolífica para este trabalho.

Ao desenvolver sua reflexão sobre forma e sentido na linguagem, em texto de mesmo nome, o linguista postula que há dois modos de ser língua, na forma e no sentido. A partir disso, traz à tona a distinção entre modo semiótico e modo semântico, sendo que o primeiro responde à pergunta do *significar* (“tem sentido?”), enquanto o segundo, a do *comunicar* (“qual é o sentido?”). Quando se detém sobre a semântica, Benveniste aprofunda suas considerações sobre o sentido – alvo de toda sua obra – e estabelece a distinção entre sentido da palavra e sentido da frase. Para o autor,

O sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras [...] O sentido de uma frase é outra coisa diferente do sentido das palavras que a compõem. O sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego. A partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego tem um “sentido” particular [...] Ainda que se compreenda o sentido individual das palavras, pode-se muito bem, fora da circunstância, não compreender o sentido que resulta da junção das palavras [...] A frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece. Ela não pode, sem contradição de termos, comportar emprego; ao contrário, as palavras que estão dispostas na cadeia e cujo sentido resulta precisamente da maneira em que são combinadas não têm senão empregos. (Benveniste, 2006: 230-231, grifo do autor)

A partir dessa citação, podemos observar que o sentido não é o mesmo quando levamos em consideração a palavra ou a frase. Diante disso, compreendemos que o estudo da *ideia* da frase (sentido global) e o estudo do *emprego* da palavra (sentido como resultado da ação de uma palavra sobre outras) poderiam transformar-se em *operadores* de nossa leitura dos excertos dos textos selecionados, a fim de que observemos mais atentamente os diferentes contextos de emprego das *palavras* significativas, além de relacionarmos seu emprego com o sentido da frase e de refletirmos sobre suas relações com outras palavras.

Posto isso, resta-nos explicitar o modo como a leitura, a partir dos operadores, será sistematizada na primeira subseção, intitulada *Leitura dos trechos: a ideia e o emprego*. Esta está subdividida de acordo com os artigos selecionados de PLG I e II, apresentando, em cada um, o excerto no qual há a presença de uma ou mais palavras significativas, destacando-as entre aspas. Após, passamos a desenvolver, na medida

do possível, o que chamamos de *ideia* da frase¹⁴, ou seja, o sentido global do trecho em que a palavra ocorre e sua relação com o todo do artigo. Por fim, apresentamos nossa interpretação do *emprego* das palavras que estão em negrito e a sua relação com as demais palavras que a circundam.

Na segunda subseção, intitulada *Dando lugar à presença do espaço*, apresentamos as constatações a que chegamos a partir da leitura dos trechos selecionados e dos critérios adotados para a análise. Dividimos os empregos encontrados entre usos teóricos e usos não teóricos das palavras significativas, baseados em Ono (2007), entendendo por teórico o uso relacionado ao campo conceitual da Enunciação, ao metalinguístico; e não teórico o que está ligado ao emprego comum/ordinário das palavras.

Na terceira e última subseção, *Separados ou unidos por um hífen? As relações entre espaço e tempo e seus possíveis deslocamentos*, sistematizamos nossa leitura do *espaço* em Benveniste com base em suas proposições acerca do tempo em *A linguagem e a experiência humana*, em que o semanticista apresenta diferenciações conceituais entre tempo linguístico, crônico e físico. Ancorados nessa leitura, ousamos, com bastante cuidado, propor deslocamentos para trazer outro ponto de vista sobre o *espaço* em Enunciação, cujo estudo e análise devem levar em conta a complexidade que a palavra *espaço* apresenta quando empregada no construto teórico ao qual nos filiamos, de modo que esta pode ser subdividida de acordo com aquilo que representa *espaço* em cada enunciação.

¹⁴ Compreendemos o termo *frase* no sentido definido por Benveniste (1996, 2006): “a frase é a unidade do discurso”, “a expressão semântica por excelência é a frase.[...] A frase é cada vez um acontecimento diferente”. No que diz respeito à sua extensão, compreendemos que deve balizar-se pelo sentido, portanto, é necessário que os trechos, quando segmentados os textos, sejam dotados de sentido para que sejam considerados frase. Não se trata, aqui, claramente, da definição de frase preconizada pela gramática tradicional; a noção adotada para esta pesquisa – definida por Benveniste – é mais ampla que a definição gramatical e, portanto, definir quantitativamente seus limites torna-se atividade improdutiva. Por isso, a frase, neste caso, pode ter quantas palavras forem necessárias para que seja garantida a *ideia* (sentido global) de cada trecho do discurso de cada artigo estudado da obra de Benveniste, caso de nossa pesquisa.

2.1. LEITURA DOS TRECHOS: A IDEIA E O EMPREGO¹⁵

2.1.1. COMUNICAÇÃO ANIMAL E LINGUAGEM HUMANA

Uma abelha operária colhedora, encontrando, por exemplo, durante o voo uma solução açucarada por meio da qual cai numa armadilha, imediatamente se alimenta. Enquanto se alimenta, o experimentador cuida em marcá-la. A abelha volta depois à sua colmeia. Alguns instantes mais tarde, vê-se chegar ao mesmo **lugar** um grupo de abelhas entre as quais não se encontra a abelha marcada e que vêm todas da mesma colmeia. Esta deve haver prevenido as companheiras. É realmente necessário que estas hajam sido informadas com precisão, pois chegam sem guia ao **local**, que se encontra, frequentemente, a grande **distância** da colmeia e sempre fora da sua vista. Não há erro nem hesitação na **localização**: se a primeira escolheu uma flor entre outras que poderiam igualmente atraí-la, as abelhas que vêm após a sua volta se atirarão a essa e abandonarão as outras. Aparentemente, a abelha exploradora indicou às companheiras o **lugar** de onde veio. Mas de que modo?

Quadro 1: excerto 01¹⁶

Nesse excerto de *Comunicação animal e linguagem humana*, Benveniste descreve brevemente a experiência de Karl Von Frisch a respeito de seu estudo sobre as abelhas, relatando a que constatação o estudioso chegou com base na observação desses animais. É o momento em que o linguista apresenta o cerne da investigação sobre os insetos em questão, uma vez que, a partir da constatação da “aparente” indicação da abelha exploradora do local em que encontrou mel ou pólen, o estudioso alemão desenvolveu sua pesquisa sobre a comunicação entre tais insetos. A *ideia* do texto parece-nos ser a que acabamos de explicitar, pois ela dá conta do sentido global do emprego da frase, ou seja, do contexto em que ela se encontra inserida.

No que diz respeito ao operador *emprego* no excerto em estudo, devemos observar a utilização de cada palavra em destaque. A primeira, **lugar**, está relacionada à “solução açucarada”, mais precisamente ao local em que tal solução se encontra, de modo que a palavra **local**, segunda a ser destacada em nossa seleção, também integra a referência à “solução açucarada”. Ambas se relacionam entre si e com o primeiro referente do texto e podem, grosso modo, ser consideradas sinônimas nesse contexto de uso. O *emprego* de **localização**, neste caso, faz referência à mesma solução açucarada. Temos diferentes nomeações para o mesmo “referente” nesse trecho do texto.

A palavra **distância**, por sua vez, integra o sintagma “a grande distância da colmeia”, de modo que podemos compreender que a palavra em destaque possui o

¹⁵ Por questões de síntese, é apresentada neste artigo apenas uma parte dos excertos pesquisados e interpretados para a pesquisa. Para ter acesso a todos os contextos, ver Barboza (2013).

¹⁶ BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 61.

sentido de “espaço entre a colmeia das abelhas e o ponto em que se encontra o alvo de sua busca”. Já o sentido da palavra **lugar**, última ocorrência do excerto, está relacionado a “de onde veio”, o que, do nosso ponto de vista, parece-nos significar “espaço físico localizado, determinado e distintivo em relação aos demais”, uma vez que se trata da indicação exata de uma flor ou outra planta em que tenha sido encontrado mel ou pólen.

Após milhares de experiências de uma paciência e de uma engenhosidade verdadeiramente admiráveis, [Frisch] conseguiu determinar a significação das danças. A novidade fundamental consiste em que se reportam, não como ele o havia inicialmente pensado, à natureza do achado, mas à **distância** que separa esse achado da colmeia.

Quadro 2: excerto 02¹⁷

Seguindo as observações do mesmo texto e fazendo uso dos mesmos operadores de leitura, compreendemos que, no excerto em questão, a *ideia* diz respeito ao primeiro ponto de chegada da investigação de Frisch, demonstrando que sua primeira hipótese – qual seja, a de que as danças efetuadas pelas abelhas não informavam sobre o achado ser isto ou aquilo – fora refutada e o professor de Zoologia compreendeu que as danças se referiam à localização exata do “objeto” em questão.

No que concerne ao operador *emprego*, ao encontrarmos a ocorrência da palavra **distância**, avaliamos que, nesse caso, ela é empregada em relação à “dança” e a “achado”, assumindo, do nosso ponto de vista, o sentido de “espaço que separa dois corpos”, que, no caso em questão, é o espaço que separa a colmeia da flor em que há pólen ou néctar.

A abelha não constrói uma mensagem a partir de outra mensagem. Cada uma das que, alertadas pela dança da primeira, saem e vão alimentar-se no ponto indicado, reproduz quando volta a mesma informação, não a partir da primeira mensagem, mas a partir da realidade que acaba de comprovar. Ora, o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no **espaço**, o que é o típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição linguística.

Quadro 3: excerto 03¹⁸

Ainda no texto *Comunicação animal e linguagem humana*, há, no excerto em estudo, uma clara oposição entre a limitação da comunicação das abelhas e as infinitas e imprevistas possibilidades da linguagem humana. Para fazer tal comparação, Benveniste traz à tona o caráter simbólico da linguagem, com o qual se

¹⁷ BENVENISTE, Émile. *Comunicação animal e linguagem humana*. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 62.

¹⁸ *Ibid.*, p. 62.

pode ou não prescindir da experiência humana, ou seja, não é exatamente imprescindível que o homem necessite comprovar a realidade para poder falar dela. O ser humano é capaz de (re)criar realidades a partir de discursos já dados, diferentemente da capacidade das abelhas, infinitamente mais limitada, uma vez que sua relação com o real é necessária e condição *sine quae non* para a existência de sua comunicação. Enquanto as abelhas entendem sinais, portanto não possuem linguagem, o homem *entende, cria e interpreta* símbolos, uma vez que a natureza da linguagem é simbolizar. Explicitado o que, em princípio, parece-nos ser a *ideia* do excerto em estudo, dirigimo-nos de imediato para o estudo do emprego da palavra em destaque.

Diferentemente dos outros contextos de utilização encontrados no texto, **espaço**, neste caso, parece não significar “lugar”, tampouco parece remeter à categoria de análise. Trata-se, aqui, de um sentido mais genérico, que conduz à ideia de “campo de alcance indefinido”. Ainda que o sentido ora encontrado já esteja relacionado com a linguagem, ele não estabelece exatamente ligação com o campo da Enunciação.

Necessário se faz salientar a proximidade da palavra “tempo” em relação a “espaço”, aquele utilizado também no sentido de “a todo e qualquer momento”, o que corrobora nossa leitura do emprego de “espaço”. Tem-se, então, com o emprego de “no tempo e no espaço” o sentido de “infinitas possibilidades de emprego da linguagem humana, independentemente de local ou momento”.

2.1.2 CATEGORIAS DE PENSAMENTO E CATEGORIAS DE LÍNGUA

Quanto a *ποῦ*, “**onde**”, e *ποτέ*, “quando”, implicam respectivamente as classes das denominações **espaciais** e temporais, e ainda aqui os conceitos são modelados sobre caracteres dessas denominações em grego: não só *ποῦ* e *ποτέ* se mantêm pela simetria da sua formação reproduzida em *οὐ ὅτε, τοῦ τότε*, mas fazem parte de uma classe que compreende ainda outros advérbios (do tipo *ἐχθές, πέρυσιν*) ou expressões casuais que utilizam a forma do locativo (como *ἐν Λυγείῳ, ἐν ἀγορᾷ*).

Quadro 4: excerto 04¹⁹

No excerto em revisão, do texto *Categorias de pensamento e categorias de língua*, Benveniste apresenta conjuntamente duas das classes propostas por Aristóteles – **onde** e “quando” – e demonstra que o que as une às categorias de

¹⁹ BENVENISTE, Émile. Categorias de pensamento e categorias de língua. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 72-73.

“substância”, “quanto”, “qual”, “relativamente a que” é a natureza de tais categorias: como linguista, por reconhecer que a língua possui uma realidade que lhe é própria, Benveniste afirma que tais categorias correspondem “não a atributos descobertos nas coisas, mas a uma classificação que emana da própria língua” (Benveniste, 2005: 72). As categorias nominais, às quais pertencem as classes citadas acima, só possuem caráter de categorias definidas em função da grande relevância que “ser” tem para a língua grega. “Ser” é condição para toda predicação, logo, as seis primeiras categorias derivam de ser.

Diante do que nos parece ser a *ideia* do excerto em estudo, consideramos que, em relação ao *emprego*, nesse caso, as palavras em destaque possuem sentido de “categoria de língua” em que se congregam palavras geralmente utilizadas para localizar/designar/referir linguisticamente no espaço os seres e objetos. É pertinente ressaltar que o excerto se refere à divisão de categorias feita por Aristóteles e não por Benveniste.

Um segundo verbo é *le*, que exprime propriamente a “existência”: *Mawu le*, “Deus existe”. Mas tem também um emprego predicativo; *le* emprega-se com predicados de situação, de localização, “estar num lugar, num estado, num tempo, numa qualidade”: *e-le nyuie*, “ele está bem”; *e-le a fi*, “ele está aqui”; *e-le ho me*, “ele está em casa”. Toda determinação **espacial** e temporal exprime-se assim por *le*.

Quadro 5: excerto 05²⁰

Seguindo nossa leitura no mesmo texto, podemos afirmar que Benveniste apresenta, nesse excerto, a complexidade e a fragilidade da reflexão linguística sobre “ser”, que, segundo suas próprias palavras, “sem ser ele mesmo um predicado, o ‘ser’ é a condição de todos os predicados” (Benveniste, 2005: 76). Para isso, o autor estabelece um cotejo entre os diferentes modos de comportamento de “ser” em duas línguas diametralmente distintas: a língua grega e a língua *ewe*, originária do Togo.

Sob essa perspectiva, o linguista apresenta o verbo *le*, que exprime a existência, mas que possui, também, outros empregos, como predicado de localização. Nessa língua, as classes “quando” e “onde” estão contidas no verbo *le*, o que é algo bastante diferente da língua grega. Nesse sentido, as categorias propostas por Aristóteles são suficientes para a língua na qual o filósofo pensa, pois, tomando como exemplo o caso de “espaço”, se o filósofo grego o considera uma categoria, visto que tal pensamento se expressa de modo específico na língua grega, não é necessário

²⁰ BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 78.

que o falante da língua *ewe* venha a considerar o espaço como uma categoria diferente da de situação, uma vez que essa língua não apresenta uma distinção entre as formas de situação e localização. Nesse sentido, a tentativa de universalização das categorias aristotélicas é, no mínimo, perigosa, pois não se tratam de categorias de linguagem, mas de categorias da língua grega em específico.

Em relação ao *emprego*, como a reflexão de Benveniste está pautada nas categorias de Aristóteles, o sentido da palavra em relevo está relacionado à categoria linguística de espaço. Como vimos, também, no texto anterior, há a ocorrência da proximidade entre as palavras “espacial” e “temporal”. É importante pontuar tal fato, pois atualmente há autores que consideram o tratamento dado por Benveniste ao tempo e ao espaço como feito do mesmo modo, ou seja, que não há diferenciação entre um e outro. No entanto, não trataremos de tal relação neste item; a relação tempo-espaço será abordada no subtítulo 2.3.

2.1.3 A NATUREZA DOS PRONOMES

Essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une *eu/tu* uma série de “indicadores” que pertencem, pela sua forma e pelas aptidões combinatórias a classes diferentes – uns pronomes, outros advérbios, outros ainda locuções adverbiais.

São, em primeiro lugar, os **demonstrativos**: este, etc. na medida em que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa, como no lat. *hic/iste*. Há aqui um traço novo e distintivo dessa série: é a identificação do objeto por um indicador de ostensão concomitante com a instância de discurso que contém o indicador de pessoa: *esse* será o objeto designado por ostensão simultânea à presente instância de discurso, a referência implícita na forma (por exemplo, *hic* oposto a *iste*) associando-o a *eu*, a *tu*. Fora dessa classe, mas no mesmo plano e associados à mesma referência, encontramos os advérbios *aqui* e *agora*. Poremos em evidência a sua relação com *eu* definindo-os: ***aqui*** e ***agora*** delimitam a instância **espacial** e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*. Essa série não se limita a ***aqui*** e ***agora***; é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: *hoje, ontem, amanhã, em três dias*, etc. Não adianta nada definir esses termos e os demonstrativos em geral pela *deíxis*, como se costuma fazer se não se acrescenta que a *deíxis* é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter cada vez único e particular que é a unidade de instância de discurso à qual se refere.

O essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, **de lugar**, de objeto mostrado, etc.) e a *presente* instância de discurso. De fato, desde que não se visa mais, pela própria expressão, essa relação do indicador à instância única que o manifesta, a língua recorre a uma série de termos distintos que correspondem um a um aos primeiros, e que se referem não mais à instância de discurso mas aos objetos “reais”, aos tempos e lugares “históricos”. Daí as correlações como *eu:ele* – ***aqui: lá*** – *agora: então* – *hoje: no mesmo dia* – *ontem: na véspera* – *amanhã: no dia seguinte* – *na próxima semana: na semana seguinte* – *há três dias: três dias antes*, etc. A própria língua revela a diferença profunda entre esses dois planos.

[...]

Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas “pronominais” não remetam à “realidade” nem a posições “objetivas” no **espaço** ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego.

Quadro 6: excerto 06²¹

No que concerne à *ideia*, Benveniste apresenta a série de “indicadores” que fazem referência à “instância de discurso”. Dentre eles, aparecem os advérbios ***aqui*** e “*agora*”, por meio dos quais o autor explicita seu ponto de vista sobre a relação de tais indicadores com a instância de discurso. Outra vez, o semanticista destaca a falta de necessidade de relação com o mundo dos objetos para a construção da referência no discurso, uma vez que a referência é sempre à enunciação.

Já no que diz respeito ao *emprego*, ***aqui***, no primeiro contexto de uso, possui, segundo nossa leitura, o sentido de “espaço em que o sujeito se enuncia”, ou seja, trata-se da marca formal que se refere ao espaço discursivo a partir do qual o locutor fala. Dito de outro modo, o emprego de ***aqui*** pode ser entendido como “espaço em que ‘eu’ se situa na enunciação”.

Com relação também ao *emprego*, a segunda ocorrência de ***aqui*** também está situada em relação à enunciação, porém Benveniste chama a atenção para o fato de que, além de *aqui e agora*, há outros termos simples e complexos que procedem da

²¹ BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 279.

mesma relação, qual seja: relacionam-se à instância de discurso de *eu/tu*. Nesse caso, o autor alerta que **aqui** parece ser uma forma mais aparente para marcar o espaço em que o sujeito se enuncia, mas que pode ser “acrescida de outras”, como os demonstrativos. O interessante é que a atualização dessa segunda forma de **aqui** condensa duas acepções de *déixis*: 1) uma relacionada ao que “se costuma fazer”, que é vincular esses termos ligados a **aqui** ao universo extralinguístico e a “posições objetivas” ou “à realidade”, acepção da qual Benveniste se distancia quando afirma que “de nada adianta definir esses termos e os demonstrativos em geral pela *déixis*, como se costuma fazer”; 2) e outra relacionada à acepção que o mestre defende: é preciso acrescentar que a *déixis* é “contemporânea à instância de discurso”.

Nesse trecho, Benveniste traz ainda a *ideia* de que a própria língua comporta duas naturezas: de um lado, é repertório de signos com suas possibilidades de atualização, de outro, atividade manifestada nas instâncias de discurso por índices próprios. Dessa relação que estabelece entre língua e instância de discurso surge a correlação *eu: ele – aqui: lá – agora: então – hoje: no mesmo dia*, a que o autor chama atenção para a dupla natureza da língua (ideia global do excerto).

Nesse sentido, Benveniste vale-se de empregos de termos ligados a espaço (*aqui e lá*) por meio dos quais indica que há termos distintos para referir a objetos “reais” e lugares “históricos”, e outros que necessariamente vinculam-se à instância de discurso (os indicadores de pessoa, tempo e lugar). Vemos, nesse caso, que o emprego de “lugares” está relacionado a uma significação geral como remetendo à realidade extralinguística.

Outro emprego que aparece e que nos interessa é **espaço**, o qual surge justamente para que o autor trate da relação entre posição objetiva como remissão à realidade e posição vinculada à instância de emprego da língua. Por isso, destaca o fato de que as formas pronominais não podem ser consideradas como remetendo à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo, mas à enunciação cada vez única que as contém. Nesse sentido, elas estão ligadas ao espaço e ao tempo refletindo seu próprio emprego e fazendo “referência ao sujeito que fala”.

2.1.4 DA SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo status. São os indicadores da *dêixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações **espaciais** e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc. Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia.

Quadro 7: excerto 07²²

Em *Da subjetividade na linguagem*, de modo semelhante ao texto anterior, Benveniste apresenta os “pontos de apoio” para a revelação da subjetividade na linguagem e, por isso, elenca os indicadores da *dêixis* (demonstrativos, advérbios, adjetivos etc.) como organizadores das relações espaciais e temporais na enunciação. Além da ancoragem espacial, o autor também apresenta a expressão da temporalidade, categoria a que dedica mais estudo no texto.

De modo breve, no trecho em que há a ocorrência da palavra **espaciais**, o sentido parece estar relacionado ao espaço da enunciação, ao contexto de enunciação, ou seja, trata-se dos indicadores de espaço, somente definidos quando da emergência do sujeito na/pela enunciação.

2.1.5 A LINGUAGEM E A EXPERIÊNCIA HUMANA

O pronome pessoal não é a única forma desta natureza. Alguns outros indicadores partilham a mesma situação, notadamente a série dos dêiticos. Indicando os objetos, os demonstrativos organizam o **espaço** a partir de um ponto central, que é Ego, segundo categorias variáveis: o objeto está perto ou longe de mim ou de ti, ele é também orientado (defronte ou detrás de mim, no alto ou em baixo), visível ou invisível, conhecido ou desconhecido, etc. O sistema das coordenadas **espaciais** se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está ele-próprio designado como centro e ponto de referência.

Quadro 8: excerto 08²³

Embora Benveniste se proponha abordar as noções de pessoa e de tempo em *A linguagem e a experiência humana*, ele desenvolve uma breve reflexão acerca da noção de espaço. Uma vez que todos os falantes de uma mesma língua dispõem do mesmo sistema de referências pessoais, o modo como cada locutor seleciona e organiza sua língua é capaz de testemunhar as mais diversas possibilidades de

²² BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 288.

²³ BENVENISTE, Émile.(1965) A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 69-70.

construção do real. A ideia de que quando enunciamos não estamos “refletindo”, mas apresentando construções/(re)produções do real deve estar clara para que se desfaçam os equívocos que porventura possam aparecer em relação a que realidade se refere Benveniste quando fala de “objetos”.

No que se refere ao *emprego*, na primeira palavra destacada, o sentido parece-nos ser o de **espaço** como “disposição do ‘ele’ na cena do discurso em relação ao ‘eu’”, pois os demonstrativos indicam seres/objetos que fazem parte do não-eu e não-tu (não-pessoa) e, por isso, podem ser chamados de “ele”. Na segunda ocorrência, por sua vez, **espaciais** define o tipo de coordenadas a que Benveniste se refere no excerto em questão, de modo que podemos compreender “espaciais” em coordenadas espaciais como “sistema de referências discursivas que organiza a dimensão espacial do discurso”.

2.1.6 O APARELHO FORMAL DA ENUNCIÇÃO

Esta descrição um pouco abstrata se aplica a um fenômeno linguístico familiar no uso, mas cuja análise teórica está apenas começando. É primeiramente a emergência dos índices de pessoa (a relação *eu-tu*) que não se produz senão na e pela enunciação: o termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo *tu*, o indivíduo que aí está presente como alocutário.

Da mesma natureza e se relacionando à mesma estrutura de enunciação são os numerosos índices de ostensão (tipo *este, aqui*, etc.), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo em que é pronunciada a instância do termo.

As formas denominadas tradicionalmente “pronomes pessoais”, “demonstrativos”, aparecem agora como uma classe de “indivíduos linguísticos”, de formas que enviam sempre e somente a “indivíduos”, quer se trate de pessoas, de momentos, de **lugares**, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos. Ora, o estatuto destes “indivíduos linguísticos” se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual e, se se pode dizer, “*semel-natif*”. Eles são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo.

Quadro 9: excerto 09²⁴

No texto *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste traça uma distinção entre índices específicos e procedimentos acessórios, através dos quais o locutor enuncia. Fazendo parte dos índices específicos, a série dos índices de ostensão (os demonstrativos, por exemplo) integra o que o autor chama de “indivíduos linguísticos”. Uma leitura desatenta poderia entender que “indivíduos” no sintagma “indivíduos linguísticos” remeteria ao ontológico, ao mundo dos objetos; no entanto, “linguísticos” determina “indivíduos”, o que significa que não é de todo e qualquer

²⁴ BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 84-85.

indivíduo de que se trata, mas de indivíduos pertencentes somente à evanescência da enunciação. Desse modo, “indivíduo” passa a ter sentido de “singular/unidade”.

Em relação à palavra **lugares**, através da qual almejamos explicitar o *emprego*, essa parece ter o sentido de “espaço discursivo em que ocorreu a enunciação”, espaço esse marcado justamente por uma classe de indivíduos linguísticos, que assinalam o acontecimento individual e novo engendrado a cada enunciação.

2.1.7 ESTRUTURA DA LÍNGUA E ESTRUTURA DA SOCIEDADE

Em terceiro lugar, para passar a uma consideração um pouco diferente, mas sobre a qual há **espaço** para insistir mais particularmente hoje, cada um fala a partir de si. Para cada falante o falar emana dele e retoma a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros. Entretanto, e talvez por causa disto, a língua que é assim a emanação irredutível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supra-individual e coextensiva à toda a coletividade. E esta coincidência entre a língua como realidade objetivável, supra-individual, e a produção individual do falar que fundamenta a situação paradoxal da língua com respeito à sociedade. Com efeito, a língua fornece ao falante a estrutura formal de base, que permite o exercício da fala. Ela fornece o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso: é a distinção indispensável, sempre presente em não importa qual língua, em não importa qual sociedade ou época, entre o eu e o não-eu, operada por índices especiais que são constantes na língua e que só servem a este uso, as formas chamadas em gramática de pronomes, que realizam uma dupla oposição, a oposição do “eu” ao “tu” e a oposição do sistema “eu/tu” a “ele”.

A primeira, a oposição “eu-tu”, é uma estrutura de alocação pessoal que é exclusivamente inter-humana. Somente um código pessoal, religioso ou poético, autorizaria empregar esta oposição fora do meio humano.

A segunda oposição, a do “eu-tu”/“ele”, opondo a pessoa à não-pessoa, efetua a operação da referência e fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocação. Temos aí o fundamento sobre o qual repousa o duplo sistema relacional da língua.

Aqui aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações **espaço**-temporais que determinam os modos de enunciação.

Quadro 10: Excerto 10²⁵

Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, o linguista desenvolve seu ponto de vista acerca da diferenciação através da língua entre “eu” e “não-eu” e acerca das relações próprias à distinção “subjetivo/objetivo” na língua. Benveniste traça algumas oposições como “eu-tu” e “eu-tu/ele” para demonstrar o fato de que a língua é, ao mesmo tempo e sempre, de todos e de cada falante, o que significa que tais formas só adquirem sentido quando em uso.

²⁵ BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 101.

Em relação às palavras destacadas, a primeira ocorrência de **espaço** parece estar ligada ao sentido de “oportunidade” para deter-se no tópico desenvolvido pelo mestre. Por seu turno, a segunda ocorrência de espaço refere-se mais propriamente ao que, mais acima, no excerto, Benveniste chama de “índices pessoais”. Nesse caso, parece-nos que a palavra **espaço** está mais relacionada às questões que dizem respeito ao fenômeno da enunciação. É interessante notar que a nova configuração da língua integra a oposição referencial e pessoal e inclui a subjetividade que, por sua vez, desdobra-se em uma “rede complexa de relações *espaço-temporais*”, questão que discutiremos mais detalhadamente na continuidade desta pesquisa.

2.1.8 A FORMA E O SENTIDO NA LINGUAGEM

O sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada. Uma frase participa sempre do “**aqui** e agora”; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor. Toda forma verbal, sem exceção, em qualquer idioma que seja, está sempre ligada a um certo presente, portanto a um conjunto cada vez único de circunstâncias, que a língua enuncia numa morfologia específica. Que a ideia só encontre forma num agenciamento sintagmático, esta é uma condição primeira, inerente à linguagem. O linguista encontra-se aqui diante de um problema que lhe escapa; ele pode somente conjecturar que esta condição sempre necessária reflita uma necessidade de nossa organização cerebral. A mesma relação entre mensagem e unidades prováveis do código encontra-se nos modelos construídos pela teoria da informação.

Quadro 11: Excerto 11²⁶

Nesse excerto, Benveniste procura distinguir o sentido da frase do sentido das palavras que a compõem. Ao abordar o sentido da frase, inclui o fato de que ela (que pode também ser entendida, nesse caso, como enunciado) “participa sempre do ‘aqui e agora’”. Isso significa que o sentido da frase, entendido como “a ideia que ela exprime” está relacionado à referência à situação de enunciação. Nesse sentido, **aqui** está sendo empregado, do nosso ponto de vista, como “espaço criado e marcado na enunciação” (tanto nas já enunciadas como nas que o serão).

²⁶ BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 230.

2.2 REFLETINDO A PRESENÇA DO ESPAÇO

Após a análise empreendida em 2.1, consideramos pertinente tecer alguns comentários sobre o emprego das palavras encontradas e o modo de distinguir umas das outras, além de tentar classificá-las de alguma maneira.

Ancorados na seção anterior, vimos que há diversos usos para as palavras selecionadas, alguns deles são coincidentes, outros não. Muitos desses *empregos* interessam ao nosso estudo, outros nem tanto. Aqueles que despertam nossa atenção abordam, de diversas maneiras, a noção de *espaço* a que almejamos encontrar na obra de Benveniste. Por sua vez, o emprego de palavras que nos despertam menos interesse está relacionado a um uso “corriqueiro/ordinário”²⁷.

Observamos, também, que as mesmas palavras (formas) possuem *empregos* diversos de acordo com cada situação de uso. Tomemos como exemplo a palavra *espaço* em dois diferentes excertos. No excerto 3, compreendemos que a palavra em questão ocupava sentido de “campo de alcance indefinido”, uma vez que referia-se à capacidade de a linguagem ser um substituto do “referente” ontológico e de poder se renovar infinitamente a cada vez que é utilizada. Por seu turno, o sentido de *espaço* depreendido do excerto 8 está relacionado com a “disposição do ‘ele’ na cena do discurso em relação ao ‘eu’”, pois os demonstrativos indicam seres/objetos de discurso que fazem parte do não-eu e não-tu (não-pessoa) e, por isso, podem ser chamados de “ele”. O *espaço*, neste caso, é bastante definido, é o *espaço* criado pelo discurso, uma vez que tratamos de enunciação.

Com esses breves exemplos, é possível verificar que não há o que se possa chamar de regularidade/repetibilidade no emprego das palavras. Seguramente, há mais instabilidades/heterogeneidades nos usos das palavras em destaque, e apenas apresentamos o caso de duas ocorrências da palavra *espaço* à guisa de exemplo. De fato, isso não deve nos assustar, pois, uma vez que lidamos com língua – e, obrigatoriamente, com locutores e sujeitos –, devemos nos acostumar com o fato de o sentido das palavras não coincidirem entre si, seja em textos diferentes, seja no mesmo texto. Ora, é próprio da língua que o seu emprego seja diverso, uma vez que

²⁷ Sabemos da impossibilidade de que um uso seja corriqueiro no sentido de “banal” ou de linguagem ordinária. No entanto, na falta de palavras que por ora expressem o que queremos significar, contentamo-nos com essa até encontrar outra que seja mais razoável.

os sentidos não estão dados de antemão; eles são construídos a cada enunciação²⁸. Sob esse ponto de vista, Benveniste afirma que

a língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. (2006: 69)

Dito de outro modo, podemos entender que o discurso comporta a repetibilidade da língua na irrepetibilidade da enunciação.

Além de constatarmos uma diferença no que diz respeito ao sentido das palavras que possuem a mesma forma, verificamos que há também certa diferença de modo de uso entre todas as palavras significativas. Apesar de tê-lo notado, não nos sentíamos aptos a evidenciar de que ordem poderiam ser essas diferenças. Em razão disso, recorreremos a Ono (2007) para ancorar nossa tentativa de evidenciar as diferenças de empregos.

A autora, ao realizar seu estudo sobre a palavra enunciação em Émile Benveniste, percebe que há diferentes empregos para a mesma palavra. É o que ela denomina de “termo teórico” e “não teórico”, vinculados à “terminologia do neopositivismo” em que, segundo suas próprias palavras, “um termo é teórico quando sua referência não é observável e é, ao contrário, não teórico, quando sua referência é observável” (Ono, 2007: 42). Apesar de a autora não apresentar uma definição explícita do que considera teórico e não teórico, depreendemos, a partir de nossa leitura, que o emprego teórico é o uso atrelado ao emprego conceitual, ao construto metalinguístico da palavra; o emprego não teórico está relacionado ao uso ordinário que se faz da mesma palavra que, em outro contexto, poderia se tornar termo teórico.

Diante dessa definição, que pode contribuir para nossa reflexão, consideramos mais adequado fazer um breve deslocamento: em vez de utilizarmos as locuções “termo teórico” e “termo não teórico” para fazer referência aos empregos das palavras selecionadas em 1 e estudadas em 2.1, substituímos a palavra “termo” por “emprego”, pois assim conseguimos manter a coerência de nossa pesquisa. Desse modo, consideramos o *emprego* da palavra “espaço” e das palavras relacionadas a ela como *emprego teórico* quando tais palavras estiverem vinculadas ao construto enunciativo

²⁸ Sob hipótese alguma, afirmamos, com isso, que nenhum sentido comporta a repetibilidade da língua. Queremos apenas explicitar o fato de que o sentido pode ou não coincidir, “ser o mesmo” não havendo obrigatoriedade nisso.

benvenistiano; e consideramos como *emprego não teórico* quando as palavras encontradas não estiverem relacionadas ao construto a que nos dedicamos estudar nesta investigação.

Ao observar todas as *palavras* destacadas nos excertos em 2.1, verificamos que, em sua maioria, elas são utilizadas com “emprego não teórico”, o que anteriormente havíamos definido, na falta de melhor palavra, como “corriqueiro”. Se verificarmos atentamente o uso feito de cada uma das *palavras* em estudo, será possível compreender que seu emprego é, de fato, “não teórico”, pois refere-se, em grande parte das vezes, a questões que não dizem respeito ao estudo do espaço da enunciação. *Palavras* como lugar (excerto 1), demonstrativos (excerto 6) etc. são empregadas no sentido não teórico, no sentido “comum” que se costuma atribuir a elas. Isso, por si, não é suficiente para afirmar que inexista qualquer reflexão acerca do espaço na obra de Benveniste. Por seu turno, palavras como espacial (excertos 5 e 6), aqui (excerto 6), espaciais (excertos 7 e 8) e espaço (excerto 10) são, a que nos parece, “empregos teóricos”, uma vez que apresentam/encaminham certa noção a respeito do *espaço* em Enunciação.

Além da diferença entre *empregos* teóricos e não teóricos das *palavras* selecionadas para estudo, há outro fator que merece ser comentado: a proximidade bastante frequente entre palavras “espaço” e “tempo” e palavras relacionadas (como “aqui” e “agora”). É a essa relação que nos dedicaremos na próxima seção, à qual nos encaminhamos.

2.3 SEPARADOS OU UNIDOS POR UM HÍFEN? AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO E TEMPO E SEUS POSSÍVEIS DESLOCAMENTOS

Para iniciar nossa reflexão sobre as relações de espaço e de tempo, justifiquemo-la. Ao longo de nossa trajetória de leitura dos PLG I e II, deparamo-nos com um emprego de “espaço” bastante singular, uma vez que tínhamos como uma das hipóteses iniciais o fato de que tempo e espaço seriam entidades linguísticas totalmente distintas, de modo que o estudo de um prescindiria o estudo de outro. Trata-se da ocorrência da expressão “espaço-temporais” em dois textos distintos do PLG I, fato que nos surpreendeu significativamente. Esse registro encontra-se nos seguintes trechos dos seguintes textos:

Específico, o tempo linguístico o é ainda de uma outra maneira. Ele comporta suas próprias divisões em sua própria ordem, esta e aquelas independentes das do tempo crônico. Aquele que diz “agora, hoje neste momento” localiza um acontecimento como simultâneo a seu discurso: seu “hoje” pronunciado é necessário e suficiente para que o parceiro o ligue na mesma representação. Mas, separemos “hoje” do discurso que o contém, coloquemo-lo em um texto escrito: “hoje” não é mais então o signo do presente. linguístico pois que ele não é mais falado e percebido, e ele não pode mais enviar o leitor a algum dia do tempo crônico, pois que não se identifica com nenhuma data; ele pode ter sido proferido em qualquer dia do calendário e se aplicará indiferentemente a todo dia. O único meio de empregá-lo e de torná-lo inteligível fora do presente linguístico é o de fazê-lo acompanhar de uma correspondência explícita com uma divisão do tempo crônico: “hoje, 12 de junho de 1924”. O mesmo ocorre com um eu subtraído ao discurso que o introduz e que, adequado então a todo locutor possível, não designa seu locutor real: é necessário atualizá-lo acrescentando o nome próprio deste locutor: “eu, X...”. Donde resulta que as coisas designadas e organizadas pelo discurso (o locutor, sua posição, seu tempo) não podem ser identifica das senão pelos parceiros da comunicação linguística. Do contrário, para tornar inteligíveis estas referências intradiscursivas, deve-se ligar cada uma delas a um ponto determinado em um conjunto de coordenadas **espaço-temporais**. A junção se faz assim entre o tempo linguístico e o tempo crônico. (Benveniste, 2006: 78-79, grifo nosso)

A primeira, a oposição “eu-tu”, é uma estrutura de alocação pessoal que é exclusivamente inter-humana. Somente um código pessoal, religioso ou poético, autorizaria empregar esta oposição fora do meio humano.

A segunda oposição, a do “eu-tu”/“ele”, opondo a pessoa à não-pessoa, efetua a operação da referência e fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocação. Temos aí o fundamento sobre o qual repousa o duplo sistema relacional da língua.

Aqui aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações **espaço-temporais** que determinam os modos de enunciação. (Benveniste, 2006: 101, grifo nosso)

Até então havíamos observado – sem rigor científico – a proximidade no texto entre algumas palavras relacionadas a tempo e a espaço, mas esse modo de empregá-las através de um hífen parecera-nos, no mínimo, intrigante. O que poderia significar o hífen entre as palavras “espaço” e “temporais”? Serviria para dividi-las, para uni-las? A fim de chegar a algum ponto em que nos sentíssemos autorizados a propor qualquer leitura sobre a presença do hífen, compreendemos que necessitávamos ir em busca de mais elementos que nos respaldassem nessa percepção.

Diante dessa necessidade, certificamo-nos, através do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de que o único modo em que o hífen significa *separação* é quando este divide palavras não terminadas na mesma linha. Em todos os outros casos previstos pelo dicionário, inexistente a ocorrência de outros usos em que signifique separação ou distanciamento. A origem do termo hífen já indica a relação de união ou de aproximação. Mesmo quando marca uniões mesoclíticas e enclíticas, o hífen

funciona como uma “ponte” entre um elemento e outro. Fundamentados na definição do dicionário, poderíamos prescindir da busca de quaisquer outros elementos na obra de Benveniste que corroborassem o ponto de vista de que o hífen ligando “espaço” a “temporal” está os unindo e, por isso, haveria uma relação posta entre eles, ainda que não estudada. Contudo, entendemos que as informações constantes nos textos de Benveniste têm grande relevância para sinalizar em nossa pesquisa o fato de haver ou não uma relação entre espaço e tempo.

Conforme salientamos anteriormente, nossa observação sobre a proximidade entre palavras relacionadas a tempo e a espaço foi bastante descomprometida com qualquer rigor científico-metodológico, pois, até então, tal proximidade não nos informava sobre a relação entre as duas noções e não nos apontava para nenhuma necessidade de reflexão sobre nosso objeto de estudo. Diante de tamanho equívoco de nossa parte – como seria possível desconsiderar a proximidade entre palavras que insistem em permanecer próximas? –, consideramos necessário retornar aos excertos selecionados, explicitados em 2.1 e analisados em 2.2, para observar *com mais vagar* a possível relação entre tais palavras. A observação de sua posição poderia nos dizer algo a respeito do uso do hífen em “espaço-temporais” nos dois trechos acima transcritos. Ao retornar à leitura dos excertos, foi possível verificar que, dentre os 11 trechos selecionados para análise, de acordo com os critérios previamente estabelecidos, oito apresentam a presença de palavras relacionadas ao tempo e, em todos estes, as palavras relacionadas a essa noção estão bastante próximas das palavras relacionadas a espaço, muitas das quais foram consideradas **palavras significativas** porque teoricamente vinculadas ao constructo enunciativo.

Por considerarmos mais elucidativa a apresentação das ocorrências em formato de tabela, organizamos as informações coletadas sobre a proximidade entre “espaço” e “tempo” e palavras associadas.

NÚMERO DO EXCERTO ²⁹	TRECHO
03	Ora, o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço , o que é o típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição linguística.
04	Quanto a <i>ποῦ</i> , “ onde ”, e <i>ποτέ</i> , “ quando ”, implicam respectivamente as classes das denominações espaciais e temporais , e ainda aqui os conceitos são modelados sobre caracteres dessas denominações em grego.
05	Toda determinação espacial e temporal exprime-se assim por <i>le</i> .
06	aqui e agora delimitam a <u>instância espacial</u> e <u>temporal</u> coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém eu. [...] Essas formas “pronominais” não remetem à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo , mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu próprio emprego.
07	São os indicadores da dêixis, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc.
10	Aquí aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma <u>rede complexa de relações espaço-temporais</u> que determinam os modos de enunciação.
11	Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada. Uma frase participa sempre do “ aqui e agora ”; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor.

Tabela 2: Excertos e trechos de palavras significativas. Negritos nossos. Fonte: elaborado pela autora.

Baseados na leitura das informações dispostas na tabela, somos capazes de afirmar que a proximidade entre palavras que remetem a espaço e a tempo podem nos orientar a uma reflexão mais aprofundada sobre a natureza de sua relação e a diferenciação de cada uma das noções. Apesar de reconhecer o potencial de pesquisa da relação entre espaço e tempo na obra de Benveniste, limitamo-nos a sinalizar tal relação na medida em que ela nos é pertinente³⁰.

Nos trechos destacados, chamaram-nos a atenção as palavras relacionadas a “tempo” e a “espaço”, que estão devidamente sublinhadas: no excerto 6, ocorre a

²⁹ A referência completa de cada excerto pode ser consultada em 2.1.

³⁰ Não estamos, de modo algum, eximindo-nos da tarefa de pesquisar e descrever as características da noção de tempo em Benveniste, além disso, compreendemos a importância de seu estudo para a qualificação dos estudos em Enunciação no Brasil; entretanto, compreendemos as limitações espaço-temporais de um artigo e, por isso, deixamos tal reflexão, que merece um estudo profundamente detalhado, em suspenso, para, oportunamente, pautá-la ainda que de forma sumária. Para aprofundar pesquisas sobre o tempo em Benveniste, ver Valério (2015).

palavra “instância”; no excerto 7, comparece a palavra “relações”; no 10, “rede complexa de relações”. Juntamente a essas palavras, na citação que abre este item, Benveniste trata espaço e tempo como ligados a “um conjunto de coordenadas **espaço-temporais**”, sendo que a expressão “coordenadas” comparece também no excerto 6, ligada a “espaço” e encadeada com a reflexão que o autor promove sobre tempo:

O sistema das coordenadas **espaciais** se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está ele-próprio designado como centro e ponto de referência. (Benveniste, 1995: 69-70, grifo nosso)

Nesse sentido, vemos as palavras “coordenadas”, “relações” e “sistema” como termos teóricos correlatos para a abordagem de *espaço* e *tempo*. E aqui, precisamente, vemos a importância de se pensar essas palavras associadas aos empregos de *espaço* e *tempo* (unidos por hífen ou pelo “e” conjuntivo) como fundamentais para a nossa teorização sobre a noção de espaço no constructo enunciativo benvenistiano.

Conceber as palavras acima destacadas como fundamentais na relação entre *espaço* e *tempo* não significa que elas sejam sinônimas, tampouco que recubram o mesmo campo conceitual no interior da reflexão. Desde nosso ponto de vista, todas estão inter-relacionadas, mas de modos diferentes. As “relações espaço-temporais” dizem respeito ao modo como espaço e tempo se comportam, se determinam e se relacionam entre si, ou seja, trata-se do fato de, muitas vezes, por exemplo, as mudanças ocorridas no espaço modificarem as coordenadas de tempo, ou vice-versa. Por sua vez, as “coordenadas” referem-se tanto a espaço e a tempo conjuntamente quanto separadamente.

A palavra “coordenadas” adquire, dentre outros, o sentido de “cada um dos elementos que permitem localizar um objeto em um ponto, informação” (HOUAISS, 2007, s/p); isso significa que “coordenadas espaço-temporais” fazem parte de um “conjunto de coordenadas” que compõe a instância de discurso, conforme afirma Benveniste: “a instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito” (Benveniste, 1995: 289). Dito de outro modo, “coordenadas espaço-temporais” pertencem a um conjunto maior de coordenadas que definem o sujeito, dentro do sistema de enunciação, as quais podem também, no interior de cada coordenada, formar seu próprio sistema, como vemos no excerto 8, quando

Benveniste menciona “sistema de referências pessoais” e “sistema das coordenadas espaciais” e, no excerto 10, quando trata da “oposição do sistema eu/tu a ele”.

A instância de discurso, por sua vez, compõe o conjunto de coordenadas, ou seja, todas as coordenadas (tempo, espaço e pessoa) que estão relacionadas ao sujeito, compondo o sistema da enunciação.

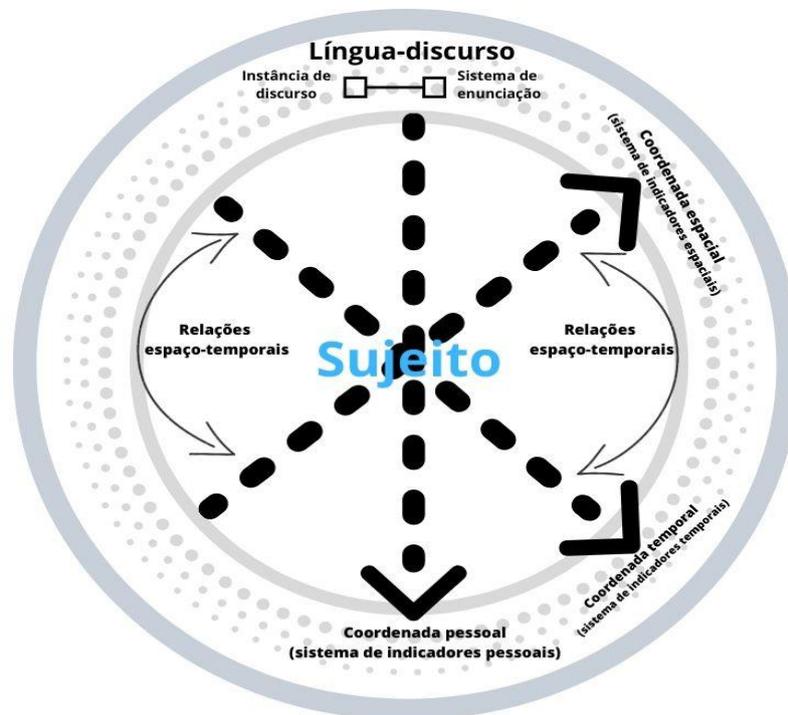


Figura 1: Diagrama: Coordenadas e relações espaço-temporais.

Ainda que não nos tenhamos aprofundado a respeito da natureza da relação entre as noções de espaço e de tempo, é notório que há algo que as une e que está para além do hífen. A marcação com o sinal gráfico parece-nos ser apenas um flagrante da existência de tal relação, além de ser um indicativo de que há muito a ser estudado sobre isso. Ademais dos elementos encontrados em Benveniste, apoiamos-nos em Meschonnic (2009) para corroborar a hipótese de que há uma relação entre espaço e tempo.

Diante de tais evidências da relação entre tempo e espaço, entendemos que talvez seja possível realizar algumas reflexões a respeito de espaço a partir do texto *A linguagem e a experiência humana*, em que Benveniste apresenta sua reflexão sobre como a experiência humana se faz linguagem através da categoria de tempo. Certamente, o que almejamos fazer não é meramente uma transposição das diferenciações feitas com o tempo para o espaço – o que seria uma impossibilidade teórico-metodológica devido à diferença da natureza de cada noção –, mas

compreendemos que parte da reflexão sobre o tempo apresentada pelo linguista sírio-francês pode ser relativizada e pode, também, orientar-nos, em alguma medida, na reflexão sobre o espaço.

Em *A linguagem e a experiência humana*, Benveniste disserta acerca da experiência humana ou subjetiva e suas formas de expressão na língua. Para o mestre, ainda que a forma seja a mesma – caso contrário, seria impossível a mínima compreensão humana –, a experiência humana “não é descrita, ela está lá, inerente à forma que a transmite, constituindo a pessoa no discurso e conseqüentemente toda pessoa desde que ela fale” (BENVENISTE, 2006, p 69). A experiência do homem, que se dá na e através da linguagem, como afirma o linguista, não pode ser descrita, só pode ser enunciada. Arriscamo-nos a afirmar que a relação entre a experiência humana e a linguagem é de tal modo inseparável que toda e qualquer enunciação é um testemunho da experiência do homem entendida como subjetividade.

Para Benveniste, no texto em questão, há certas categorias de língua nas quais a experiência subjetiva é relativamente mais visível, pois está claramente marcada no enunciado. Tais categorias são os pronomes pessoais, as formas linguísticas que exprimem o *espaço* e o *tempo*. Afirma o autor que

a língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. (BENVENISTE, 2006, p 69)

Dentre as formas destacadas que “revelam” a experiência subjetiva, para o semanticista, nenhuma é tão rica quanto a que se refere ao *tempo*. Por considerá-la bastante produtiva para sua reflexão sobre a experiência humana, Benveniste dedicase a desestabilizar o que até então se entendia por expressão de tempo na língua. Melhor dito, o autor vai além e introduz uma reflexão de cunho filosófico sobre a categoria de *tempo* e se vale dessa reflexão, obviamente, na medida em que ela colabora nas investigações linguísticas. No texto, o semanticista apresenta diferenciações conceituais entre tempo linguístico, crônico e físico³¹, que servirão para nossas transferências e reflexões a respeito da categoria de espaço.

Ao fazer um deslocamento das divisões sistematizadas por Benveniste a respeito de tempo, estamos seguros de que tal movimento não é uma simples

³¹ Ver BENVENISTE, Émile.(1965) A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006,

substituição da palavra tempo pela palavra espaço. As palavras não são sinônimas, o que indica que, embora tenham relações – as quais merecem ser estudadas oportunamente –, tempo e espaço dão conta de diferentes aspectos da experiência humana na/pela linguagem e possuem diferentes modos de expressão. O que objetivamos é apresentar o potencial reflexivo que a discussão sobre tempo³² nos brinda para efetuar a sistematização do espaço.

Diferentemente do que se fez com tempo, não é possível estabelecer uma divisão trina com espaço. A divisão por nós estabelecida e que, de algum modo, procura também demonstrar a relação da experiência subjetiva e da linguagem através da categoria de espaço, entende que essa categoria pode ser dividida entre espaço topológico e espaço enunciativo. O que chamamos aqui de espaço topológico diz respeito à organização espacial dos objetos, dos seres, ou seja, trata do espaço como categoria ôntica e ontológica. De modo geral – e por motivos bastante aparentes – essa manifestação do espaço não nos interessa tanto quanto a outra, melhor dito, interessa-nos somente na medida em que diz respeito à enunciação. O espaço enunciativo, por seu turno, está relacionado à enunciação. Isso significa que, ao abordarmos-lo, estamos relacionando o espaço àquilo que nos toca como linguistas: a língua.

Obviamente, há a expressão, na língua, do espaço topológico, mas, para que este seja expresso, deve ser enunciado, o que significa que, em termos linguísticos, o espaço topológico está submetido ao espaço enunciativo. Benveniste toma a língua e a sociedade “numa relação semiológica: a relação do interpretante com o interpretado. [...] Em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade” (Benveniste, 2006: 97). Dado que o sírio compreende que a língua interpreta a sociedade, não poderia ser diferente com a interpretância do espaço topológico pela língua. Denominamos o fato de que o espaço topológico, para que tenha existência, precisa ser linguístico, de relação de interpretância. Dito de outro modo, o espaço topológico, na medida em que é enunciado, torna-se espaço enunciativo porque *está na* língua-discurso. De modo semelhante ao tempo linguístico, é possível estabelecer, no interior do espaço enunciativo, diferenciações na conceitualização de espaço, pois, quando teorizamos sobre essa noção, há um complexo de relações estabelecidas entre os diferentes modos de pensar o espaço em enunciação e os diversos campos da percepção que tal estudo abrange.

A divisão de espaço a que nos referimos não é senão fruto de nossa leitura dos textos de Benveniste. Podemos observar que, quando falamos em espaço, podemos nos referir a, pelo menos, dois pontos de vista diversos (mas não opostos): ora ao enunciado, ora à enunciação. Apesar disso, ambos os espaços têm a mesma característica de serem, assim como o tempo, *fundantes e fundamentais da/para a enunciação*. O que essa diferenciação significa?

A inegável relação entre espaço e tempo nos fez considerar a possibilidade de deslocamento do estudo proposto por Benveniste a esta categoria. A partir de nossa releitura, observamos que o estudo do espaço poderia ser pensado desde duas perspectivas diversas, mas complementares, pois ambas dão testemunho da experiência humana no espaço e, portanto, na língua.

A primeira delas nos remete ao fato de que enunciar é ocupar espaço na língua-discurso³³. Dito de outro modo, para que se torne sujeito, é condição *sine quae non* que o locutor ocupe/conquiste seu **espaço de enunciação**. Tal espaço está disponível para todo e qualquer falante da língua, e pode haver a concomitância de espaços, diferentemente da concomitância do tempo da fala – que é, em princípio, linear –, uma vez que é totalmente possível que dois interlocutores enunciem ao mesmo tempo, o que configura espaços *DE* enunciação diferentes. O que ora denominamos *espaço de enunciação* está na base da constituição da enunciação e do sujeito. Não há, nesse espaço, a necessidade de marcas. A existência da enunciação é a prova de que o espaço de enunciação foi ocupado, de modo que esse espaço prescinde da marcação formal. Esse espaço é o que Dufour (2000) discute tão bem na seguinte passagem de seus “Mistérios da Trindade”:

Se o seu interlocutor procura convencê-lo daquilo que você acaba de lhe dizer, não se choque, você deveria ter reagido antes: estava bem satisfeito quando ele retomou por sua conta a temporalidade e o espaço que informavam o seu discurso. Agora é tarde demais, *ele tenta falar em seu lugar*.

³³ Utilizamos a composição de “língua-discurso” para nos distanciarmos da concepção de língua em sua virtualidade e para nos aproximarmos do uso feito por Benveniste no final de “A forma e o sentido na linguagem”. Língua-discurso significa, aqui, língua em uso. Certamente, temos ciência de que a língua não é senão atingível a partir de seu uso, mas consideramos a pertinência de enfatizar o *status* ocupado por essa língua para dirimir quaisquer confusões que possam haver a respeito da concepção de língua e de língua-discurso neste trabalho. Normand (2009: 87) define língua tal qual estamos pensando - a língua desde o ponto de vista saussuriano - e seu modo de existência como um “objeto concreto tão abstratamente definido”. Para tentar desfazer qualquer imprecisão conceitual, poderíamos comparar, grosseiramente, a língua com o nível semiótico, ou seja, da ordem do inatingível. Por seu turno, a língua-discurso pertence ao nível semântico, ao âmbito da língua em uso. O semiótico apenas pode ser observado (mas não atingido) através do semântico. No mesmo sentido, pensamos a língua: existe somente no uso que os falantes fazem dela, portanto, da língua-discurso.

“Eu” e “tu”, estes dois signos vazios, não-referenciais com relação à realidade, resolvem de maneira extremamente simples um problema muito complexo, o da comunicação intersubjetiva. Eles estão à disposição de todo mundo e basta que alguém fale para que essas conchas vazias se tornem cheias. [...] Desde que nos situamos neste lugar, o resto da língua vem por si só. (Dufour, 2000: 74, grifos do autor)

Mais adiante, o autor argumenta que “constituir essa relação não é, assim, apenas uma comodidade da linguagem ou uma metáfora falante, mas um dos elementos-chave de definição do espaço de simbolização” (ibid.: 78-79). Essa categoria está ligada à ocupação de um lugar de enunciação como espaço de simbolização, o que podemos ilustrar com o estudo de Silva (2009), quando discute, na aquisição da linguagem, a operação de preenchimento de lugar enunciativo como condição para a criança se instaurar na língua. Melhor dito, trata-se de um espaço constitutivamente relacionado à presença do sujeito no discurso, ou seja, está relacionado à ocupação de um lugar que se constitui quando o locutor converte a língua em discurso.

Nesse sentido, o espaço de enunciação não se trata de uma categoria “espaço” relacionada aos indicadores de subjetividade – uma vez que estes necessitam estar marcados formalmente para que “indiquem” uma relação com aquele que se apropria da língua –, e, portanto, não consideramos o espaço de enunciação um operador de análise, mas – e é importante ressaltá-lo – como constitutivo, como um *a priori* dela. Essa noção de espaço está vinculada à inserção, pelo locutor, do discurso no mundo, que traz “a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem” (Benveniste, 2006: 68). Se, conforme Benveniste, “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo” (ibid.: 74), podemos parafraseá-lo afirmando que é pela língua atualizada em discurso que se manifesta a experiência humana do/no espaço.

A segunda divisão que fazemos está relacionada ao espaço que é enunciado, seja ele marcado ou não na enunciação. Insistamos nesse ponto. Toda enunciação possui “eu-aqui-agora”, no entanto, “eu-aqui-agora” não precisam estar marcados formalmente. Obviamente, quando não há a ocorrência da seleção de elementos que remetam à tríade “pessoa-espaço-tempo”, tais elementos não podem ser operadores de análise já que o elemento é vazio. Quando encontramos a marcação formal de elementos que façam referência à situação de enunciação, ou seja, as marcas linguísticas que fazem parte dos indicadores de subjetividade, estamos nos referindo

ao **espaço da enunciação marcado**. É possível, de algum modo, recuperar o contexto da enunciação a partir das marcas deixadas no enunciado.

Nessa divisão, estão inseridos os modos como o homem manifesta sua experiência do espaço na língua, seja através de categorias gramaticais das quais já se “espera” essa manifestação (como demonstrativos, advérbios de lugar etc.), seja através de usos diversos que somente um estudo mais aprofundado poderia dar conta (como os usos dos verbos “levar” e “trazer” e sua total dependência ao contexto de enunciação, como as constantes trocas no uso de formas que costumam remeter a tempo remetendo a espaço, dentre outros exemplos). Dito de outro modo, o que aqui denominamos espaço da enunciação marcado está relacionado à marca formal na enunciação através de formas linguísticas específicas que remetam a sentidos relacionados à localização espacial dessa enunciação.

Além disso, o espaço da enunciação será o centro de referência responsável pela disposição (de aproximação/afastamento) dos seres em relação ao “eu” da enunciação, ou seja, toda a organização espacial da enunciação estará ancorada no *aqui*, seja ele enunciado ou não. Para diferenciar o espaço da enunciação marcado do **espaço da enunciação não marcado**, podemos dizer que consideramos aquele um operador da análise na medida em que sua matéria é apreensível. Quando não o é, referimo-nos ao espaço não marcado, que carrega o “aqui” da tríade enunciativa “eu-tu-aqui-agora” sem ter sido dito, ou seja, sem ter os “indivíduos linguísticos” (advérbios, demonstrativos, etc.) que remetem ao espaço relacionado ao sujeito inscrito no discurso. Podemos dizer que é da ordem do dizível, ainda que não tenha sido dito. No espaço da enunciação, que consideramos não marcado, o sentido de espaço advém da sintagmatização de formas agenciadas pelo locutor na conversão da língua em discurso. É na ação de uma forma sobre outra no discurso que se constitui o sentido de espaço, o qual não está atrelado a uma forma específica, tal como ocorre no que denominamos espaço da enunciação marcado.

Sobre os diferentes modos de marcação do espaço da enunciação, eles podem dar conta de uma série de aspectos, todos, no entanto, relacionais, seja com o sujeito seja com outros pontos de comparação inseridos no discurso. Propriedades/características como dimensões, altura, lateralidade, distância, direção, lugar, volume, localização etc., são algumas das possibilidades de verificação da marcação do espaço da enunciação.

Cabe ressaltar que a divisão aqui feita não isola um tipo de espaço do outro; ao contrário: ambos os espaços estão relacionados entre si. Embora não seja uma relação simétrica, uma vez que a existência de cada espaço é verificada de modos diferentes, ambos possuem como características o fato de serem *fundantes* e *fundamentais*. São fundantes porque, de um lado, o espaço de enunciação funda a enunciação, e, de outro, o espaço da enunciação é uma das bases que fundam a subjetividade. São, por sua vez, fundamentais porque sua existência e presença (mesmo que não marcadas) são condições básicas para a própria existência da enunciação e da (inter)subjetividade. Na tentativa de nos tornarmos mais claros, sistematizamos nossos deslocamentos sobre o espaço em um diagrama:

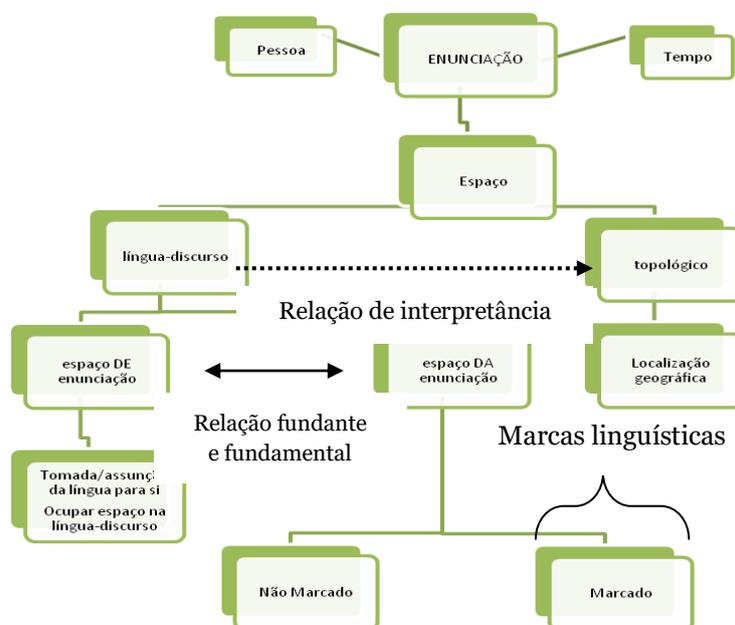


Figura 2: Diagrama: Sistematização da reflexão sobre a categoria de espaço.

Como é possível observar no diagrama acima apresentado, há uma série de relações implicadas a partir da nossa leitura da noção de espaço. As relações fundantes e fundamentais podem ser consideradas, como seus adjetivos já antecipam, essenciais para nossa proposição a respeito do espaço, uma vez que dão o “pontapé” inicial para as demais relações e subdivisões.

É pertinente, também, reiterar que tal esquematização possui fins unicamente didáticos e com vistas ao auxílio no estudo da noção; quando enunciamos, desconhecemos tais relações e também ignoramos as diferenças existentes entre

espaço de e da enunciação. Esse tipo de reflexão não cabe ao usuário da língua-discurso, mas ao linguista.

Ao finalizar este artigo, convém, ainda, reafirmar que tal leitura – com seus devidos deslocamentos – não se pretende, de nenhum modo, dogmática ou única, mas visa à possibilidade de diálogo criada a partir dessa sistematização – relativamente pioneira no que diz respeito ao estudo do espaço no constructo enunciativo benvenistiano. Certamente, poderão surgir respostas a nossa leitura do modo de configuração do espaço na obra do linguista sírio-francês, o que seria, indubitavelmente, profícuo para os estudos enunciativos no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Gabriela. *Em busca do espaço perdido? Um estudo do estatuto da noção de espaço em Émile Benveniste*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Espaço e espacialidade na produção escrita escolar: a reflexão linguístico-discursiva no ensino da escrita. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 16, n. 30, 2012.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo*. v. 2. Bauri, SP: EDUSC, 2007.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. *O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- HOUAISS, Instituto Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 2.0a [CD-ROM]. 2007.
- MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Éditions Verdier, Lagrasse, 2009.
- MOÏNFAR, Mohammad Djafar D. Bibliographie des travaux d'Émile Benveniste. In: *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*, Peeters, 1975
- NORMAND, Claudine. Leituras de Émile Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. *Letras de hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 44, p. 12-19, jan/mar. 2009.
- ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert Lucas, 2007.
- SILVA, Carmem Luci da. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.
- VALÉRIO, Patrícia da Silva. *Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada.

Recebido no dia 04 de dezembro de 2019.
Aprovado no dia 04 de março de 2020.